

As duas moedas da mesma face

ALFREDO STADTHER, ALINE RODRIGUES, THALITA CARVALHO E THIAGO VIEIRA



s gêmeos estão na literatura, no zodíaco, nos esportes, no seu bairro, na sua rua e quem sabe até na sua família. Aprendem cedo o verdadeiro significado do verbo dividir, seja o mesmo útero materno ou a semelhança física. Em média nascem a cada 90 partos comuns. Mas será que eles são tão idênticos assim? O que se esconde por trás da semelhança? Afinal, como se constitui a identidade desses irmãos?

A medicina classifica como gestação gemelar (gêmeos) a fertilização embrionária em dois tipos: monozigóticos e dizigóticos. Univitelinos ou monozigóticos são formados a partir da fertilização de um único zigoto que se divide em duas partes idênticas e se desenvolve separadamente. É o caso dos gêmeos idênticos, que somam um terço da ocorrência das gestações. Dizigóticos ou bivitelinos são aqueles provenientes da fertilização independente de dois óvulos e dois espermatozoides, irmãos não-idênticos que podem ser de sexos diferentes.

A literatura não fugiu ao traço marcante do perfil dos gêmeos. A própria Bíblia, em seu primeiro livro – Gênesis – relatou a briga ainda no ventre materno dos irmãos idênticos, Esaú e Jacó. Filhos do casal Isaac e Rebeca já em idade avançada, os irmãos seguiram a profecia de Deus, que revelou à Rebeca, ainda grávida e em sonho, que em seu ventre haveria duas nações, dois povos que se dividiriam. O filho mais velho consolidaria um povo mais forte, mas Deus escolheu Jacó, o filho mais novo, e a Esaú restou a servidão ao irmão. Em casa, os gêmeos ainda pleiteavam a preferência dos pais, de um lado Isaac, que amava mais a Esaú, e de outro Rebeca, que amava mais a Jacó.

Em 1904, Machado de Assis escreveu o romance intitulado *Esaú e Jacó*, que faz referência à história dos irmãos bíblicos, para contar a vida de discórdia



As gêmeas Valéria e Valquíria seguram no colo os gêmeos Vitória e Vinícius.

dos gêmeos Pedro e Paulo, que têm em comum apenas a aparência e o amor pela mesma mulher. As tendências políticas serviram para distanciar definitivamente os irmãos, que ainda jovens nunca se entenderam e, quando adultos, viraram inimigos irreconciliáveis. A literatura nesses dois exemplos revelou que nem sempre há cumplicidade entre duas pessoas idênticas e que, na verdade, a semelhança física não serve de parâmetro para definir a identidade do indivíduo.

A psicóloga Maria Inês Bittencourt, professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, explica que irmãos gêmeos sempre foram vistos como algo extraordinário, espetacular ou anormal. “Ao longo da História e na própria mitologia, você tem uma série de questões envolvendo gêmeos. Existem certas culturas que têm pavor de filhos idênticos e, por isso, matavam um dos bebês. Não podia haver dois iguais. Você tem outras culturas que vão achar que os gêmeos são uma espécie de fenômeno extraordinário”, revela a psicóloga.

Semelhança positiva

Nem sempre a semelhança física é um problema no processo de afirmação da identidade dos



Livia e Luana ensaiam uma coreografia

gêmeos. As irmãs Livia Luiz dos Santos e Luana Luiz dos Santos, de 15 anos, contam que o fato de serem gêmeas não prejudica a auto-afirmação e as suas personalidades; ao contrário, dizem que não se consideram parecidas em nada.

Desde os cinco anos, as irmãs moram no internato Caridade e só voltam para a casa nos fins de semana. Embora sempre tenham vivido juntas e tenham uma relação de grande companheirismo e amizade, Livia e Luana acham que possuem personalidades totalmente diferentes. Luana fala muito, é extrovertida, mas tem poucas amigas, enquanto Livia é mais séria e responsável e cultiva mais as relações afetivas. As jovens convivem com as mesmas pessoas no internato, mas não dividem as mesmas amizades. Livia gosta muito de algumas meninas com quem Luana não tem nenhum tipo de afinidade.

No encontro com os pais, nos fins de semana, as meninas experimentam o tratamento diferenciado da família. Livia diz que a mãe se preocupa mais com Luana, já que tem mais problemas na escola. “A nossa mãe não confunde a gente, é como se nós fôssemos irmãs com idades diferentes, mas ela é mais ‘puxa-saco’ da Luana porque ela aprende as coisas mais devagar e sente mais saudade de casa”, diz Livia. As duas admitem que embora a mãe dê mais atenção para Luana, ambas são muito queridas e não sofrem comparações pelo fato de serem gêmeas.

A forma como as meninas foram educadas colaborou muito para a afirmação de suas identidades. Segundo a psicóloga Maria Inês, desde cedo, crianças idênticas precisam lutar pela sua individualidade, pois nunca tiveram a chance de viverem separadas. “Elas sofrem com o problema de não terem um espaço próprio. Dentro da barriga da mãe, eram duas. Na hora em que nasceram, eram duas”, afirma Maria Inês. Para ela, a educação ideal é aquela em que os pais reforçam, desde cedo, a identidade própria de cada filho.

Luana admite que tem ciúmes de Livia, mas diz que isso não tem nenhuma relação com o fato de serem gêmeas. Ela conta que teria um pouco de ciúmes de qualquer irmã, mesmo se não fosse fisicamente parecida com ela. “Eu sinto ciúmes dela, mas ao mesmo tempo gostaria que ela fosse mais parecida comigo, a gente não tem nada a ver”, completa Luana. Livia responde dizendo: “Realmente a gente não é nem um pouco parecida, o meu rosto é mais fino e, de perfil, a gente nem parece irmã”. Embora as duas sejam praticamente idênticas, é interessante perceber que elas não se vêem desta forma.

O desenvolvimento de uma identidade particular foi facilitado pelo fato de as irmãs não se verem como iguais. Segundo a psicóloga, no processo de afirmação da identidade dos gêmeos é importante que um sinta autonomia em relação ao outro. “É preciso evitar essa coisa mística que alguns pais criam, de incentivar a indiferenciação dos gêmeos. Essa posição é nociva para os gêmeos, para a individualidade de cada um. A pior coisa que existe é você não ser olhado enquanto uma individualidade”, explica a psicóloga.

As irmãs praticam dança na Caridade e usam a semelhança física para fazer uma coreografia mais original. Apenas nas apresentações se vestem iguais para representar um espelho. A dupla é reconhecida pela sua habilidade e simpatia. Livia e Luana sonham em se tornar professoras de dança e trabalhar em uma academia destinada a crianças com problemas familiares. Também querem morar sempre juntas. “Quando eu crescer, não vou querer me separar da Luana de jeito nenhum. Sempre vivemos juntas, não vou conseguir morar em uma casa longe da dela. Quando nos separamos, mesmo se for só por um dia, eu choro muito”, admite Livia.

A distância dos pais gerou uma relação maternal entre as gêmeas. Livia diz que toma conta da irmã e fica muito preocupada quando sente que ela está triste. “Além de irmãs, nós somos muito amigas, é como se uma fosse mãe da outra. Como estamos longe da nossa família, precisamos de um carinho maior. Acho muito bom poder ter a companhia dela todos os dias”, comenta Luana.

As gêmeas dizem que a freira responsável por

elas, a irmã Conceição, não consegue distingui-las e que, por isso, aproveitam para fazer brincadeiras para confundir as pessoas. Na Caridade, cada criança só pode comer sobremesa uma vez. Um dia, Lívia entrou na fila da sobremesa duas vezes e, na segunda, fingiu ser a irmã para conseguir comer de novo. Elas se divertem com esse tipo de coisa, que só é possível entre irmãos gêmeos. As irmãs admitem que respondem pelo nome da outra quando alguém as chama e sabem que muitos têm dificuldade de reconhecê-las e acabam confundindo as duas.

O papel da educação na construção da identidade

Quando a assistente social Valéria Fonseca, de 38 anos, descobriu que seria mãe de gêmeos, sua primeira reação foi a surpresa, o que é comum entre as mães nessa situação. Porém, como a própria Valéria também possui uma irmã gêmea, já era de se esperar que outros casos de partos múltiplos acontecessem na família. O que não se esperava é que isso se repetiria em duas gerações seguidas. A mãe de Vitória e Vinícius, de três anos, conta que o fato de ter concebido um casal de gêmeos foi como ter realizado dois sonhos de uma só vez, já que ela sempre desejou ter um casal de filhos.

O fato de ter crescido com uma irmã gêmea e vivenciado todos os estereótipos dos gêmeos faz Valéria adotar uma educação que valorize a individualidade das duas crianças: “Quando eu e minha irmã éramos crianças, meus pais nos vestiam com roupas iguais, ganhávamos o mesmo presente em datas especiais, e, quando amigos os encontravam na rua, perguntavam: “como vão as gêmeas?”. Para ela, a diferença de sexo já é um ponto positivo na construção da identidade dos dois. Desde criança, os irmãos são estimulados pela mãe a desenvolverem seus gostos pessoais. A decisão de não matricular os dois na mesma turma da escola foi pensada no intuito de evitar comparações por parte dos professores e colegas.

Além de procurar evitar a falta de personalidade dos dois irmãos, Valéria tenta ao máximo não cair na obviedade ao explicar a questão da diferença para os dois filhos. Acredita que diferenciar o que é ser menino e menina em rosa e azul ou em boneca e bola não é suficiente. “O importante mesmo é que ele se reconheça como o Vinícius, e ela como a

Vitória, gostando eles de rosa, azul, pipa, futebol de botão, o que for”, afirma Valéria. Com apenas 3 anos de idade, a mãe já observa a diferença de personalidade entre os gêmeos: “A Vitória é bem mais observadora, tem uma percepção muito aguçada, já o Vinícius é mais agitado, mais extrovertido. O meu papel é ajudar os meus filhos a se descobrirem como indivíduo a cada dia.”



Lívia e Luana são cúmplices até na dança

Quando o espelho vê duas faces

Os gêmeos Luiz Fernando e Luiz Henrique Rodrigues, de 23 anos, moradores de Santos, litoral de São Paulo, sempre foram muito diferentes e enfrentaram grandes problemas de convivência. Luiz Fernando está cursando Educação Física e sempre foi extrovertido, tem muitas amizades e não gosta de ficar em casa. Luiz Henrique já se formou em Jornalismo e sempre viu no irmão um exemplo a ser seguido.

Hoje, os jovens não moram juntos e seu contato depende de encontros casuais na rua. Como cresceram em uma cidade relativamente pequena, a impressão de Luiz Henrique era de que a maioria das pessoas gostava mais do irmão. “Eu me sentia uma pessoa incapaz, meio incompleta. O meu irmão sempre se relacionou com todos os tipos de pessoas, teve várias namoradas, sabia surfar e jogava bola muito bem”, confessa Luiz Henrique. Ele diz que, como não tinha consciência do problema psicológico que estava enfrentando, nunca percebeu que esse complexo de inferioridade era um problema de auto-afirmação. Quando entrou para a faculdade, Luiz Henrique conheceu novas pessoas e percebeu que ele seria mais feliz em um ambiente diferente do que vivia o seu irmão. “Não queria ser confundido e comparado com ele o tempo todo, queria mostrar para as pessoas que eu tinha uma personalidade própria e diferente, mas não pior do que a dele”, continua. Luiz Henrique começou a fazer terapia e entendeu, por exemplo, que a edu-

cação que teve contribuiu muito para seus problemas interiores.

“A minha mãe sempre nos vestiu igual, dava os mesmos presentes no nosso aniversário e, o pior, sempre dizia que o meu irmão era mais simpático e tinha mais facilidade na relação com as pessoas”, admite Luiz Henrique. Ele ouviu este tipo de comparação durante toda a sua infância e percebeu que a família foi a principal responsável pelo seu complexo.

Segundo Maria Inês, a base de uma educação adequada para os gêmeos idênticos consiste em combater a dificuldade que os filhos têm em se individualizar. Caso não aconteça, podem surgir problemas psicológicos em ambos. “Um caso muito comum entre os gêmeos é um deles atuar de um lado da moeda, e o outro atuar do outro lado. Você tem um gêmeo dominador e tem um gêmeo submisso, ou um gêmeo introvertido e um gêmeo extrovertido”, conta a psicóloga.

Quando Luiz Henrique começou a perceber que tinha talentos e podia ser mais feliz demonstrando suas próprias características, decidiu arranjar um emprego e ir morar sozinho. “Foi a melhor coisa que eu fiz. Não precisava mais conviver com as comparações da minha mãe, podia levar meus

amigos da faculdade e minha namorada a um ambiente que era só meu”. Segundo Luiz Henrique, o fato de sair de casa contribuiu muito para a afirmação de sua identidade.

De acordo com a psicóloga, quando o homem cresce passa a se ver através do espelho, e cria uma interpretação e uma consciência de si próprio. Para gêmeos idênticos, as primeiras dificuldades surgem por terem a mesma aparência e, assim, interpretados pelos outros e por eles próprios como uma só pessoa. “Os gêmeos têm essa questão do espelhamento, e muitas vezes fica difícil saber quem é um e quem é o outro”, finaliza Maria Inês.

“Irmãos gêmeos são muito diferentes de irmãos não-idênticos, porque não existe tanta comparação por parte da família e as pessoas não têm a falsa impressão de que duas pessoas são iguais até nos gostos e desejos”, contou Luiz Fernando, completando que para criar a própria identidade é preciso se auto-afirmar e mostrar para todo mundo que você nunca vai ter as mesmas características de uma outra pessoa. “Não existe ninguém igual ao outro no mundo, nem mesmo esteticamente, já que sempre existem características que diferenciam uma pessoa da outra”, finaliza.

Múltiplos feitos sob encomenda

Com a popularização da reprodução assistida, triplicam-se os casos de gêmeos no país

Com o avanço da medicina ao longo desses últimos anos, driblar o fantasma da esterilidade tem sido cada vez mais possível. Porém, o método artificial causa efeitos colaterais. A consequência mais visível dessa revolução que vem ocorrendo nas clínicas de reprodução assistida é o surgimento de uma nova safra de múltiplos. Se em uma gravidez espontânea a chance de ter gêmeos é de apenas 1,12%, na reprodução assistida o índice pode chegar até 30%.

Desde o nascimento da inglesa Louise Brown, o primeiro bebê de proveta, em 1978, a medicina reprodutiva sofreu muitos avanços. Porém, ainda não se tem controle do limite de embriões

que podem ser implantados, e dos que acabam vingando. Com o objetivo de minimizar o risco de gestações múltiplas, as clínicas têm optado por colocar no útero um número cada vez menor de embriões fecundados em laboratório.

Segundo dados da Rede Latino-Americana de Reprodução Assistida (RED), que concentra 102 centros de tratamento em 12 países, em 2001 nasceram na América Latina 3.615 crianças geradas através da utilização de algum desses métodos, sendo o Brasil responsável por metade desses partos. Segundo a Sociedade Brasileira de Reprodução Assistida, estima-se que atualmente 10 mil tratamentos de fer-

tilização sejam realizados por ano no país – três vezes mais do que há uma década.

Esse boom de nascimentos múltiplos iniciou um processo de mudanças na rede hospitalar. A Casa de Saúde São José e a Perinatal de Laranjeiras, ambas no Rio de Janeiro, sofreram adaptações para poder atender à demanda das gestações múltiplas: ampliaram o quadro de enfermeiras preparadas para o atendimento na terapia intensiva neonatal. Com a mudança, a relação atual é de um profissional para cada dois bebês em casos de rotina e de um para um em casos especiais. Antes, a relação era de uma enfermeira para cada quatro crianças – o padrão internacional.